**Plano de Atividades PIBIC/2022-2023**

*As formas de opressão e violência de negras e negros em Achille Mbembe*

*Introdução*

Com o intuito de se estudar as formas de opressão e violência de negras e negros em Achille Mbembe, faz-se necessário, em primeiro lugar, definir os conceitos de raça e negro[[1]](#footnote-1) para o autor. Também, para uma melhor contextualização, será explicitado como esse substantivo teórico e político foi criado, bem como seus violentos desdobramentos históricos.

Vê-se que esses sinônimos — negro e raça — no imaginário europeu aparecem como “designações primárias, pesadas, perturbadoras e desequilibradas, símbolos de intensidade pura e de repulsa [...]. Ambos representam figuras gêmeas do delírio que a modernidade produziu” (MBEMBE, 2020a, p. 12). Esse delírio, denominado enquanto a criação conjunta de raça e negro, “deve-se ao fato de o negro ser este (ou aquele) que vemos quando nada se vê, quando nada compreendemos e, sobretudo, quando nada queremos compreender” (MBEMBE, 2020a, p. 12). Essa não compreensão intencional se explica no sentido em que:

ao reduzir o corpo e o ser vivo a uma questão de aparência, de pele e de cor, outorgando à pele e à cor o estatuto de uma ficção de cariz biológico, os mundos euro-americanos em particular fizeram do negro e da raça duas versões de uma única e mesma figura: a da loucura codificada (MBEMBE, 2020a, p. 13).

No caso, essa loucura codificada se destrincharia em códigos e esforços de justificação de uma desrazão, em que a raça e o negro são caracterizados como resto, o excedente, fundamentalmente infigurável e indiscutível, podendo ser classificado através do local, de característica fenotípicas ou a partir de origem genealógica.

Nesse sentido, faz-se necessário explicar como esse delírio teórico e político útil, pois utilizado para difundir “o projeto moderno de conhecimento — mas também de governo” (MBEMBE, 2020a, p. 12), foi criado e desenvolvido durante a história do capitalismo. À vista disso, a cisão do ser humano em raças, denominada pelo autor enquanto difração original, mostra-se como necessária para dar indícios desse processo de diferenciação que perpassa o humano na modernidade:

Dessa difração original se deduz, geralmente, que o eu autêntico se teria tornado um outro. Um eu alheio (alienado) teria sido colocado no lugar do eu próprio, fazendo assim do negro o portador, a despeito dele, de significados secretos, de obscuras intenções, de um inquietante estranhamento que comanda a sua existência sem seu conhecimento e que confere a certos aspectos da sua vida psíquica e política um caráter noturno e quiçá demoníaco (MBEMBE, 2020a, p. 187-188).

Essa difração original, a qual Mbembe se refere a uma raça, é a criação de um eu próprio e um eu estrangeiro, uma imagem, a qual é quase sempre lembrada na literatura negra pelo confronto do colonizado tanto com esta imagem quanto com a lembrança de captura, a lembrança da colônia que associou sua descendência a uma imagem de terror. Assim, perpassa-se a essa cisão no interior do Ser uma difração, na qual a imagem substitui e subjuga o humano. Isso, dado que esse desmembramento implica ao negro significados inteiramente negativos, demoníacos, além de comandar sua existência até mesmo sem ele estar ciente.

Essa separação teria acarretado uma tal perda de familiaridade consigo mesmo que o sujeito, tornado estranho para si mesmo, teria sido relegado a uma identidade alienada e quase inerte. Assim, em vez do ser junto a si mesmo (outro nome da tradição), que deveria ter sido sempre a sua experiência, ter-se-ia constituído numa alteridade na qual o eu teria deixado de se reconhecer: o espectáculo da cisão e do desmembramento (MBEMBE, 2020a, p. 143).

Mbembe, ao analisar a origem e as consequências dessa separação de si mesmo, indica que de forma imposta, ela deixou ao negro uma identidade alienada e quase imóvel, cristalizada. Para essa questão, o autor lembra de três acontecimentos canônicos na existência do negro, são eles a escravatura, a colonização e o apartheid que surgem como dimensões da cisão e do desmembramento conforme mencionados no trecho acima.

Nesse sentido, o autor aponta para três momentos definidores das catástrofes que influenciaram na modelagem do que se entende por raça e por negro durante a modernidade. O primeiro foi o tráfico atlântico que reduziu a população africana a pessoas-mercadorias, do século XV ao século XIX durante a escravatura e a colonização. O segundo foi o que corresponde ao acesso à escrita e à uma linguagem própria desses indivíduos, o que possibilitou uma maior articulação diante de novas modalidades de crimes e massacres, desta forma acarretando em vitórias das revoltas anti-coloniais que foram iniciadas no final do século XVIII com a Revolução Haitiana até o desmoronamento do apartheid no fim do século XX. E o terceiro que diz respeito ao mundo comandado pelo neoliberalismo a partir do século XXI.

Além da ligação dos sinônimos — negro e raça — com o passado e presente do regime capitalista, o autor ainda mostra como o futuro continua a se aliar a essas categorias teóricas e políticas com a conceituação do devir-negro do mundo, ou seja, a distribuição de violências para todas as humanidades subalternas, baseada na hiperexploração histórica do escravo negro, em todas as regiões do mundo, inclusive no centro do capitalismo. Nesse sentido, o negro, ao mesmo tempo, é um não-ser e uma condição universal na crise global, o devir negro do mundo. Ele não é por si só, ele é produzido enquanto vínculo social de submissão e corpo de exploração.

Faz-se pertinente, então, ater-se sobre a questão da diferença[[2]](#footnote-2), da dessemelhança, em virtude de seu aspecto central na análise da raça. Achille Mbembe mostra que “existem maneiras de invocar a diferença que se assemelha a um consentimento à escravização” (MBEMBE, 2020a, p. 168). É correto afirmar que, segundo o autor, a diferença não é a base, por si só, de uma autodeterminação e nem de uma inocência por parte dos indivíduos, visto que há a possibilidade de partes dessa diferença terem apenas desaparecido. De fato, ela pode ser encarada “a um só tempo como memória vigilante, modelo de identificação crítica e modelo utópico” (MBEMBE, 2020a, p. 168). Somado a isso, Mbembe também cita que a diferença pode ser usada para diversos fins, isto é, tanto para uma função libertadora, se a evocação de certos aspectos já perdidos, ou mesmo ainda preservados, da diferença não for nostálgica e melancólica; quanto para o consentimento da própria escravatura, ou seja, desumanização. Nesse sentido, se apoiar totalmente na diferença, tratar de África como um todo, um agrupamento único em contraposição à Europa, é nada mais que reproduzir a ideia de uma “biblioteca colonial", uma invenção européia. Nesse sentido, uma identidade negra só existe em devir a partir de uma diferença positiva[[3]](#footnote-3) viva entre as várias etnias e culturas de diversos povos negros e entre estes em relação ao resto do mundo. Assim,

por um lado, raça e racismo fazem parte dos processos fundamentais do inconsciente, ligados aos impasses do desejo humano — apetites, afetos, paixões e temores. São simbolizados, sobretudo, pela lembrança de um desejo originário frustrado, ou então por um trauma cujas causas muitas vezes nada têm a ver com a pessoa que é a vítima do racismo (MBEMBE, 2020a, p. 68-69).

Como Silva e Mwewa bem explicitam: a raça, e por conseguinte, o negro são “uma invenção que se configura num processo esquizofrênico, no qual o paciente (a Europa/Ocidente) acredita na doença (negro) que ele mesmo inventou.” (2022, p. 36).

Por outro lado, a raça não decorre somente de um efeito ótico. Não diz respeito unicamente ao mundo sensorial. É também uma maneira de estabelecer e de afirmar o poder. É acima de tudo, uma realidade especular e uma força pulsional. Para que possa operar enquanto afeto, instinto e *speculum*, a raça deve se converter em imagem, forma, superfície, figura e, acima de tudo, estrutura imaginária. E é como estrutura imaginária que escapa às limitações do concreto, do sensível e do finito, ao mesmo tempo que comunga do sensível, no qual de imediato se manifesta. Sua força vem da capacidade de produzir incessantemente objetos esquizofrênicos, de povoar e repovoar o mundo com substitutos, seres a designar, a anular, em desesperado apoio à estrutura de um *eu* falho[[4]](#footnote-4) (MBEMBE, 2020a, p. 69).

A partir desses apontamentos, Mbembe (2020a) mostra que é possível determinar que a racialização por si só se configura enquanto uma opressão, uma violência na medida em que é com a raça que se fabrica a diferença e o excedente; que se permite nomear o que deve ser abandonado; que se possibilita, através de nenhuma base concreta, internar, expulsar, desqualificar e matar. O autor explicitamente se dirigindo ao Ocidente expõe que a raça “é o meio pelo qual os reificamos e, com base nessa reificação, nos tornamos seus senhores, decidindo então sobre seu destino, de maneira a que não sejamos obrigados a prestar quaisquer contas” (MBEMBE, 2020a, p. 74)

Vê-se que a invenção do negro, para o autor, foi necessária para uma enorme produção que abarcava grandes distâncias. O negro foi destituído de qualquer direito e, somado à invenção da *plantation*, foi possível estabelecer grandes produções, com uma “mão de obra” privada de liberdade subordinada à violência. Ainda, Mbembe relembra que a democracia sob o neoliberalismo, a *plantation* e o império são constituintes de uma mesma matriz histórica e essenciais para uma compreensão da violência da ordem global contemporânea. Violência essa, brutal e sem nenhuma regra de proporcionalidade. "Considerava-se que essa vida estivesse condenada a ser assim, sendo que a violência exercida pelo Estado derivava a cada instância de uma medida não apenas necessária, mas também inocente” (MBEMBE, 2020b, p. 51).

É nítido, ao analisar os escritos do autor, como a democracia e a colônia são duas faces, solar e noturna, de um mesmo duplo, o capitalismo. A raiz dessa face noturna é baseada em dois vazios, no não direito e na preservação. Mesmo que haja violência nas metrópoles, no centro do capitalismo, latente em seu interior:

as lógicas mitológicas necessárias para o funcionamento e a sobrevivência das democracias modernas são pagas ao preço da externalização da sua violência originária em lugares outros, os não lugares cujas figuras emblemáticas são a *plantation*, a colônia ou, atualmente, o campo e a prisão (MBEMBE, 2020b, p. 53).

O medo é que toda essa violência volte ao centro e passe a abalar a ordem política autoficcional que as democracias e o neoliberalismo — o mundo euro-americano — fizeram. Assim, é explícito como que as categorias raça e negro continuam a ser mobilizadas, tanto para uma real emancipação dos mesmos, quanto para a manutenção do *status* atual da sociedade. E nesse sentido “para Mbembe, o pós-colonialismo seria uma espécie de arena de disputas”, isto é, ele entende-se enquanto um autor que trava uma luta epistêmica, “haja vista que a emancipação subjetiva se dá no embate tanto subjetivo quanto objetivo” (SILVA E MWEWA, 2022, p. 44). Aqui está o exato local onde Mbembe se encontra ao caracterizar o capitalismo e a ligação intrínseca com categorias raciais, especialmente a negra.

*Objetivos*

O objetivo geral desta pesquisa é compreender as dimensões da opressão e da violência de negros na obra de Achille Mbembe, principalmente em *Crítica da Razão Negra* e *Políticas da Inimizade*, através dos objetivos específicos:

1. Discorrer sobre os conceitos de negro e de raça na obra *Crítica da Razão Negra.* (Os capítulos centrais para essa parte da pesquisa são: Introdução, I e II)
2. Analisar as dimensões da opressão e da violência de negros na obra *Políticas da Inimizade.* (Os capítulos centrais para essa parte da pesquisa são: Introdução, I, II e III)
3. Analisar as tentativas e formas que negros se utilizaram da violência para uma emancipação no pensamento de Achille Mbembe. (Na obra *Crítica da Razão Negra* centralmente nos capítulos III, IV, VI e Epílogo; e na obra *Políticas da Inimizade* majoritariamente nos capítulos III, IV)

*Metodologia*

O método adotado é o de análise de textos que, diga-se, também foi o que orientou a construção desse projeto. Análise das obras principais mencionadas, assim como de outros textos mencionados nas referências.

*Cronograma de Execução*

Cada item do cronograma de execução apresentado será devidamente encerrado com uma reunião entre orientador e orientando. Segue as atividades que serão realizadas de acordo com o Cronograma de Execução:

|  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| **ATIVIDADES** | Primeiro bimestre | Segundo Bimestre | Terceiro Bimestre | Quarto bimestre | Quinto bimestre | Sexto bimestre |
| *Investigar os conceitos de negro e raça na obra Crítica da Razão Negra* | X | X |  |  |  |  |
| Analisar as dimensões da opressão e da violência de negros na obra *Políticas da Inimizade* |  |  | X | X |  |  |
| Relatório Parcial |  |  | X |  |  |  |
| Analisar as tentativas e formas que negros se utilizaram da violência para uma emancipação na obra de Achille Mbembe |  |  |  |  | X | X |
| Relatório Final |  |  |  |  |  | X |
| Reuniões de orientação | X | X | X | X | X | X |

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Liana D. *Pensatempos, Cosmopolitismo e Afropolitanismo: perspectivas híbridas do pensamento africano****.*** 2015. 126 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras, Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2015.

DUBOIS, Laurent. Translator’s Introduction. In: MBEMBE, Achille. Critique of Black Reason. Durham: Duke University Press, 2017.

FANON, Frantz. Condenados da Terra. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A., 1968.

\_\_\_\_\_\_\_. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

ILGES, Michelle C. *A produção de ciências sociais no continente africano e a agência do CODESRIA.* 2016. 199 f. Tese (Doutorado) – Curso de Ciências Sociais, Universidade De São Paulo, São Paulo, 2016.

LIMA, Claudia S. *De uma África sem história e razão à filosofia africana*. 2017. 153 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de História, Universidade Federal Do Maranhão, São Luís, 2017.

MBEMBE, Achille. A Europa já não é mais o centro de gravidade do mundo. [Entrevista concedida a] Arlette Fargeau, *Le Messager*, Out. 3, 2013.

\_\_\_\_\_\_\_. Afropolitanismo. *Áskesis*, Vol. 4, No. 2, pp. 68 - 71, Jul.-Dez/2015

\_\_\_\_\_\_\_. As formas africanas de auto-inscrição. In: *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 23, no. 1, pp. 171-209, 2001.

\_\_\_\_\_\_\_. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 edições, 2020a.

\_\_\_\_\_\_\_. Existe um único mundo apenas. In: Caderno Sesc\_Videobrasil: geografias em movimento. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, n. 9, 2013b.

\_\_\_\_\_\_\_. Necropolítica. *Arte & Ensaios*, no. 32, pp. 123-151, dez. 2016.

\_\_\_\_\_\_\_. *Políticas da Inimizade*. São Paulo: n-1 edições, 2020b.

\_\_\_\_\_\_\_. *Sair da Grande Noite: Ensaio Sobre a África Descolonizada*. Luanda: Edições Mulemba, 2014.

\_\_\_\_\_\_\_. Thinking in lighting and thunder. [Entrevista concedida a] Seloua Luste Boulbina. *Critical philosophy of race*, Vol. 4, No. 2, pp. 145-162, 2016.

MEDEIROS, Claudio V. F. A filosofia política de Achille Mbembe: racismo e saída da democracia. *Ensaios Filosóficos*, Vol. XVIII, pp. 83-96, Dez./2018.

RAMOSE, Magobe Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana. In: *Ensaios Filosóficos*, Vol. IV, outubro. Rio de Janeiro, 2011.

SILVA, Alex S; MWEWA, Christian M. Notas de um pensamento da circulação e da travessia em Achille Mbembe. In: *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 45, p. 33-50, 2022.

1. No corpo deste projeto a diferenciação de gênero (negra(s) e negro(s) será substituída pelo uso comum “negro(s)”, no masculino, apenas por uma questão de facilitação de escrita e leitura. [↑](#footnote-ref-1)
2. Mbembe elege duas correntes de pensamento, muito presentes em África durante o século XX, ativas no processo de luta por emancipação que articularam questões que necessariamente perpassam a diferença, seja entre raça ou classe. A saber: o pan africanismo/nativismo e o marxismo [↑](#footnote-ref-2)
3. Para Claudio V. F. Medeiros “A tarefa portanto é pensar a diferença negra, como um gesto de autodeterminação sobretudo, o que exige uma crítica da memória, mas cuja tradição não seria objeto de uma certa nostalgia que nos paralisasse” (2018, p. 7). [↑](#footnote-ref-3)
4. No caso, um humano cindido entre o eu e o outro, os quais são complementares e só existem quando se referenciam. [↑](#footnote-ref-4)